

Desgraça, sem graça e nem de graça: três visões possíveis sobre o riso no design do humor

Bolívar Teston de Escobar*

Resumo: O presente ensaio propõe três formas de posicionamento perante o riso: a sua completa recusa, uma abertura parcial e a completa abertura. Para isso, o humor é tratado como possível produto do design, dada sua interpretação como sensibilidade. Os pressupostos que embasam cada posicionamento ao riso são demonstrados e a filosofia trágica é apresentada como justificativa para uma abertura completa deste.

Palavras-chave: humor, riso, moral, filosofia trágica, sensibilidade.

1. Introdução

Rir ou não rir de alguma coisa: a dúvida suscitada por essa escolha evoca conturbados debates morais em torno do humor e da comédia. O documentário *O Riso dos Outros*¹ é um exemplo de inquietação sobre os chamados “limites do humor”, vulgo, até onde é aceitável rir e por quê devemos nos conter e tratar determinados assuntos como sérios. Forma-se quase um anátema em meio aos comediantes quanto a isso, já que o que é motivo de riso para uns pode ser, simultaneamente, um convite ao choro para outros – cabe aqui uma paráfrase contemporânea de Heráclito, que chorava, e Demócrito, que ria ao ver os homens.

Havemos de reconhecer que, anteriormente a debates ou problematizações, o riso é uma das experiências mais frequentes a aparecer ao longo do dia do ser humano, não importando a cultura ou localização geográfica. Rir, assim como chorar ou gritar, é uma expressão, um ato que responde ao humor, à fruição, à vivência. Vonnegut, escritor norte-americano, dizia:

O riso é exatamente tão honorável quanto as lágrimas. Ambos servem como resposta à frustração e à exaustão, à futilidade do pensamento e do esforço. Eu, pessoalmente, prefiro rir, já que há menos limpeza para fazer depois – e eu posso voltar a pensar e a pelejar mais cedo².

Pagotto-Euzebio trata o riso literalmente como decisão, exemplificando através do filme “A Vida de Brian”: no artigo em questão³, o autor defende a escolha do riso em vez das tentativas desesperadas do homem de superar o hiato entre o mundo e as palavras (religião, ideologias políticas, ciência etc). Isso é ilustrado pelo filme do grupo de humor britânico

* Mestrando em Design de Sistemas da Informação na UFPR. E-mail: bolivarescobar@gmail.com

¹ Documentário produzido e exibido em 2012 pela TV Câmara, sob direção de Pedro Arantes.

² Vonnegut, K. *Palm Sunday: an autobiographical collage*. Nova York: Dial Press, 2009, p. 262 (tradução livre).

³ Pagotto-Euzebio, M. S. “A vida de Brian, de Monty Python”. In: Almeida, R.; Ferreira-Santos, M. (orgs.) *Cinema e contemporaneidade*. São Paulo: Képos, 2012, p. 138.

Monty Python no qual Brian, o personagem-sátira do messias, se convence, em plena tortura da crucificação, de que vale mais a pena cantar e “olhar o lado bom da vida” do que lamentar.

Supondo que o ato de rir seja consequência de uma escolha, é possível afirmar que existem fatores e considerações que a guiam, tenham eles sua origem no contexto social, econômico ou psicológico de cada indivíduo que, em determinadas situações, escolhem rir. O riso insiste em ser uma espécie de chamariz ao conflito quando sua ocorrência é posta em paralelo ao “sério” ou ao sagrado, como se rir fosse a constatação da presença do objeto do escárnio e do profano – ou seja, como se houvesse uma dualidade intrínseca à graça.

Essa constatação, na sua mais direta consequência, abre a possibilidade de indagações: na presença da desgraça, como é possível rir? Ou ainda: considerando a predominância do sério, como é possível o fazer rir, ou seja, um design do riso?

O caminho a ser percorrido nas investigações sobre o dualismo do rir e do fazer rir passa, portanto, pelo reconhecimento do humor intencional, ou seja, o trabalho humorístico de articulação de significado cômico: o humor como um produto do design e o riso, portanto, como um produto do humor. Essa possibilidade é vista por Beccari⁴ ao tratar o design como sensibilidade, ou seja, como vetor de afetos, sendo o humor uma prática subversiva, transgressiva ou ritualística – um reconhecimento da existência.

Com a finalidade de ilustrar as práticas desse humor intencional e suas consequências na escolha do riso, recorre-se, no presente texto, a dois autores cujas obras são ricos compêndios histórico-filosóficos da comédia em suas manifestações ao longo da história: John Morreall⁵ e Georges Minois⁶. Reconhece-se a existência de outros estudiosos do tema. Entretanto, considerando o escopo e os resultados esperados desta breve dissertação, considera-se o trabalho de Morreall e Minois como suficiente para defender a ideia das três escolhas do riso.

2. Nem de graça: a ausência do riso

Após insistir na publicação de charges consideradas ofensivas pelo público islâmico, o tabloide francês Charlie Hebdo sofreu mais um ataque terrorista - desta vez causando repercussão mundial – no qual foram vítimas 12 pessoas: jornalistas, chargistas, policiais e outros funcionários do jornal. Os atiradores invadiram o escritório, em Paris, proferindo

⁴ Beccari, M. *Articulações Simbólicas: uma nova filosofia do design*. Rio de Janeiro: 2AB, 2016, p. 55.

⁵ Doutor em filosofia e fundador da International Society for Humor Studies (ISHS).

⁶ Doutor em história.

palavras de vingança pelo profeta Maomé⁷ enquanto disparavam suas metralhadoras. O atentado ocorreu por causa do conteúdo de alguns desenhos humorísticos veiculados pelo Charlie, que retratavam o profeta em situações consideradas blasfêmias pelos fiéis.

Resguardando os comentários sobre o evento para mais adiante, notemos, no entanto, a ocorrência da repressão ao riso: o sufocamento do humor é um eco de um ideal platônico de seriedade. Morreall vê a rejeição do humor como a origem para o paradigma dualista que incorpora o discurso idealista propositor de supostas áreas de “não-riso”, de completa ausência do cômico. Segundo o autor, foi n’A República que Platão originalmente evoca o abandono do humor pelos Guardiões do Estado, identificando o riso como uma hostilidade ou, nas palavras do próprio, como uma “demonstração de superioridade”⁸.

A ideia do riso como consequência de superioridade leva Platão a condená-lo como uma das causas da discórdia entre os homens. Morreall demonstra as consequências dessa concepção platônica no pensamento religioso com o exemplo de uma citação do teólogo Éfrem da Síria (séc. IV) que identifica o riso como “o início da destruição da alma”, e conclama aos monges para iniciarem uma série de orações e penitências no primeiro sinal do desejo de rir⁹.

Diante de tal paradigma, o humor ficar relegado à sombra de assuntos ditos “sérios” e, portanto, dignos somente da atenção dos homens que buscavam o conhecimento e a elevação espiritual. Sequelas desse pensamento se apresentam com maior evidência em obras de grandes cânones do pensamento ocidental, como bem observa Minois ao comentar sobre a reação desconfiada de Hegel perante o riso¹⁰. Para o filósofo alemão, o ironista (aquele que ri e faz graça) arruína a possibilidade da construção intelectual, já que o ato da ironia consiste da destruição, no rebaixamento e na descrença. Assim, portanto, ao não se firmar em nada, o riso não teria motivos para existir. Se Platão ligara o riso com a violência, Hegel acabara de sepultá-lo das faculdades nobres da humanidade ligando-o à ignorância. Não é à toa que Brecht relembra Hegel como um “grande humorista” e o senso de humor como pré-requisito para o entendimento de sua obra:

Ele tinha tanto senso de humor que não conseguia pensar, por exemplo, na ordem sem a desordem. Era claro para ele que, nas vicinidades diretas da maior ordem reside também a maior das desordens – a tal ponto que ele até mesmo ousou dizer: reside no exato mesmo lugar. (...) Como todo grande humorista, ele falava tudo isso com uma expressão

⁷“Ataque à sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos”, disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html> (Acesso em 30/08/2016)

⁸ Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. West Sussex: John Wiley & Sons, 2011, p. 4.

⁹ Ibidem, p. 5.

¹⁰ Minois, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003, p. 512.

completamente séria.¹¹

Morreall define, portanto, a teoria da superioridade como o cerne do posicionamento platônico perante o humor, enquadrando sua existência como indesejável em uma sociedade utópica na qual os homens coexistem em igualdade – a superioridade é, naturalmente, inimiga deste ideal utópico social. Retornando ao atentado de Charlie Hebdo, percebe-se um reflexo dessa ideologia nas tentativas terroristas de suplantar o que se considera foco de riso e escárnio, como se a sátira das figuras religiosas fossem uma demonstração de superioridade do mundo ocidental secularista perante os ídolos de um povo monoteísta.

Entretanto, alternativas à visão negativa do humor já eram contemporâneas à Platão. De acordo com Morreall, elas apenas não receberam a devida atenção histórica¹².

3. Sem graça: o direcionamento do riso

Cansada da violência e do terror que a Guerra do Peloponeso vinha espalhando pela Grécia, Lisístrata decide reunir mulheres atenienses e espartanas em uma greve de sexo unificada, com o objetivo de fazer os homens que estavam lutando desistirem das lanças e dos escudos: esse é o enredo da peça Lisístrata¹³, a grande obra satírica do dramaturgo Aristófanes (447 a.C. - 385 a.C.). O gênero humorístico demonstrava, através dela, algumas características inovadoras perante a tragédia grega. A protagonista, por exemplo, era uma personagem feminina. Os homens, os grandes generais e soldados, em vez de terem seu lugar central e heróico na narrativa, eram deslocados para a posição de escracho, ou seja, de alívio cômico dentro da história.

A inversão de papéis sociais denunciados pela comédia de Aristófanes é uma pista para um entendimento inicial da comédia fora do paradigma platônico. Lisístrata traz um subtexto no qual a futilidade da guerra e um efeito colateral cômico das figuras patriarcais dos generais e soldados são expostos. Ao aferir à uma mulher o papel de protagonista e, conseqüentemente, zombar dos valores militaristas, Aristófanes convidava a platéia a, por meio do riso, questionar as bases morais da própria sociedade. O riso desempenhava, ao contrário do que acreditavam Platão ou Hegel, um papel de posicionamento filosófico perante os problemas do homem.

¹¹ Brecht, B. “Flüchtlingsgespräche” (1961). In: Arnold, H. L. (org.): *Kindlers Literatur Lexikon. 3., völlig neu bearbeitete Auflage*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2009, p. 118–119 (trecho traduzido pelo CEII – Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia, disponível em www.lavrapalavra.com/2016/02/11/sobre-a-dialetica-hegeliana/ – acesso em 09/06/2016).

¹² Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. p. X.

¹³ Aristófanes. “Lysistrata” In: Garvin, T. *The Project Gutenberg EBook of Lysistrata, by Aristophanes*. Domínio Público, 2008. Disponível em <http://www.gutenberg.org/ebooks/7700> – acesso em 09/06/2016.

A comédia era valorizada na visão de Aristóteles, que citava as peças de Aristófanes como um exemplo de *eutrapelia*: a virtude do fazer rir. Para ele, já que a vida “inclui tanto relaxamento quanto atividade, parece existir, portanto, a possibilidade de bom gosto nas relações sociais, bem como a propriedade no que dizemos e em como o dizemos”¹⁴. O que Aristóteles pregava era a possibilidade do riso na quantidade certa – um suposto equilíbrio entre o indivíduo sério, monótono, e o bufão, excessivamente irônico.

Segundo Morreall, o ato de rir como necessidade social só apareceria novamente em Tomás de Aquino (1225 – 1274), que resgataria diretamente de Aristóteles a potencialidade do riso como parte indispensável da vida. Para o teólogo, desde que não haja obscenidade ou blasfêmia, o riso traz benefícios e merece ser incorporado à vida do homem como prática saudável¹⁵. A ideia do riso como contraparte vital a uma realidade séria é corrente no cristianismo. A chacota e a graça aparecem como características diabólicas, mas são cultivadas pela própria igreja através de instituições como o carnaval – uma festa originalmente pagã e sincretizada pelo catolicismo, que chega aos nossos dias transparecendo um objetivo de servir de alívio ou extravasamento de tensões sociais¹⁶.

O riso como válvula para extravasar a pressão social é uma das teorias¹⁷ alternativas à da superioridade que ajudam a observar o entendimento do humor como um fenômeno que perpassa o dualismo platônico. Morreall enfatiza que tais teorias começaram a surgir como complementos adequados para diferentes contextos do riso¹⁸. O autor comenta o riso como visto através da incongruência (Kant e o humor decorrido da constatação da incongruência, ou seja, da ausência de harmonia, da inconsistência), do alívio (o riso resultante de pressões, como Freud propõe através da repressão da sexualidade e de piadas como relaxantes, válvulas mentais), e de teorias mais recentes, como a do *play mode*, esclarecida por Morreall como tendo suas raízes na biologia, ao constatar que animais “brincam” e “se divertem” quando entram em um estado de jogo, ou seja, se desarmam de suas defesas para realizar exercícios sociais e jogos. O riso, portanto, seria um subproduto da nossa tendência para o engajamento social:

Quando experienciamos uma mudança cognitiva, há uma tendência natural para o riso. É uma habilidade que não é aprendida, tal e qual a disposição ao choro; ambas emergem no

¹⁴ Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. p. 23.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*, p. 59.

¹⁷ Embora não mencionado por Morreall, Bakhtin desenvolve um conceito parecido quando teoriza sobre as manifestações medievais carnavalescas cujas características incluíam a inversão das normas sociais. O riso, portanto, era uma válvula por onde aliviavam-se as tensões durante os festivais populares.

¹⁸ Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. p. 7.

desenvolvimento natural do cérebro. Em todas as culturas, os bebês começam a sorrir entre 2 e 4 meses de idade. (...) Sendo o humor uma experiência fundamentalmente social, quando alguém falha em compartilhar da diversão, surgem preocupações. Se em uma festa um amigo não ri nenhuma vez após três horas, nós nos inclinamos a penas que alguém o ofendeu ou que ele está deprimido.¹⁹

Lançamos mão de teorias que justificam o riso nas mais variadas ocasiões. Entretanto, quando tratado como escolha, o riso que surge como resultado da fruição perante o objeto humorístico pode se encontrar, simultaneamente, acompanhado de lamentos ou injúrias por parte de pessoas que “preferem não rir” do que pode ser “sério” ou “delicado”. Se o ideal platônico condenava o riso, condenações com motivações similares podem surgir quando o humor se destina a zombar ou fazer pouco caso do que é considerado sagrado ou simplesmente sério, motivo de preocupação, para as pessoas.

O riso é, portanto, sempre direcionado: existem coisas que fazem rir, outras que não fazem. Esse direcionamento lembra a tríade invocada por Almeida²⁰: as três escolhas possíveis do homem em relação ao mundo (negá-lo, afirmá-lo parcialmente ou afirmá-lo totalmente) refletem-se quando o viés interpretativo do mundo é o humor. A segunda escolha (abrir-se parcialmente) diz respeito a uma suposta restrição, uma salvaguarda de interesses cuja integridade depende do controle que o ser humano tem sobre potenciais risadas que venha a proferir sobre eles. Mesmo em olhares pessimistas sobre o mundo, como o de Schopenhauer, é possível identificar essa restrição moralista sobre o riso. Para Minois, o filósofo alemão enxergava o mundo através de um olhar pessimista, considerando, justamente por isso, o riso como um objeto de profundo interesse. Ele tinha a “consciência de viver em um mundo que já é naturalmente ‘humorístico’, isto é, onde todos riem de qualquer coisa e cuja hilaridade é a expressão de idiotice”²¹. Morreall comenta que Schopenhauer enxergava no humor um potencial “libertador” das amarras morais da sociedade²². Ou seja, trata-se de rir de uma sociedade má para expressar o bem de ser contrário a ela.

Schopenhauer, entretanto, deixa pressuposto que o riso deve partir de um posicionamento perante o mundo. É em Nietzsche, que o riso assume uma forma genuinamente amoral, como o ato de dizer “sim” para a vida, mesmo perante todo o sofrimento. Em *Assim Falou Zaratustra*, o autodenominado “profeta do riso” pergunta se seus seguidores são capazes de rir de toda a tragédia do mundo, já que é pelo riso, e não pela raiva,

¹⁹ Ibidem. p. 58.

²⁰ Almeida, R. Aprendizagem de desaprender: Machado de Assis e a pedagogia da escolha. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez. 2013, p. 1001-1016.

²¹ Minois, G. História do riso e do escárnio. p. 517.

²² Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. p. 16.

que se dará a destruição do Espírito do Pesadelo²³. Esse homem elevado, segundo o filósofo, caracteriza-se pela transcendência das questões morais, restando apenas o riso como a última afirmação da vida. A esse posicionamento trágico perante o humor, Rosset chama de riso exterminador²⁴.

4. Desgraça: o riso engolidor

O jornal Charlie Hebdo teve sua tiragem recorde uma semana após o atentado de janeiro de 2015: um tabloide que não ultrapassava 10 mil cópias na sua veiculação semanal recebeu uma demanda de mais de 3 milhões de exemplares em sua edição de número 1178. As charges ofensivas que antes eram consumidas por um restrito público francês agora percorriam os sete cantos do mundo. O impulso extremista de censurar o jornal através da violência causou o efeito contrário da consequência moral à qual se propunha, resultando em uma *punchline* maior do que o que qualquer piada jamais causaria. É apenas através de uma lógica que compreenda uma total abertura para o riso que podemos ver o fenômeno do atentado do Charlie Hebdo em seu verdadeiro desdobramento cômico: o humor como objeto atacado e o humor como consequência do ataque.

A abertura total do riso vai além do proposto por Kant: segundo Morreall, o filósofo defendia uma fruição estética do humor desprendida, desinteressada do objeto do riso como fazendo parte de uma esfera de interpretação fora do mundo racional (a teoria da incongruência anteriormente mencionada)²⁵. Entretanto, o pressuposto aqui é a consideração de uma pretensa ordem por trás do humorístico, que “se esconde” enquanto rimos, mas que retorna logo em seguida.

Para desviarmos nossa visão do condicionamento pressuposto pela existência dessa ordem, Almeida propõe que cheguemos às bases do trágico, partindo do mundo ou do homem. O homem, segundo o autor, sofre de uma cisão (vivida como sensação) a partir da noção da consciência de si, que se coloca como um mistério do qual se origina a cultura, a linguagem, a magia etc. Essa cisão encerra a constatação da morte e a consequente rejeição desta, comportamento que se reflete em uma matriz para as demais cisões²⁶ (corpo/alma, natureza/artifício ou, no caso de Platão, o sério/engraçado). Almeida sugere que o pensamento trágico

²³ Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras (2011).

²⁴ Rosset, C. *Lógica do pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 188.

²⁵ Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. p. 32.

²⁶ Almeida, R. “Considerações sobre as bases de uma filosofia trágica”. In: *Diálogos Interdisciplinares* vol. 2, n. 3, 2013, p. 52-63.

expressa justamente esse descompasso entre uma consciência que pensa e sente um mundo que jamais esteve no mundo, a não ser na própria consciência, ainda que essa consciência seja fruto do mundo, produzida por ele e, como tal, parte dele. Essa impossibilidade de conciliação pode ser tanto fruto de ilusão, desespero quanto de alegria²⁷.

É com base em uma filosofia trágica que Rosset propõe duas modalidades de riso: o riso longo, irônico, e o riso curto, exterminador. Para exemplificar, o filósofo francês busca no Titanic a plena ideia de idiotia absoluta como alternativa a uma suposta ordem, representada pela impotência do maior navio na época, construído pelo maior estaleiro, ao afundar e desaparecer no oceano²⁸. O que resta, após o incidente, é apenas o riso, dada a sua configuração puramente idiota, singular, incapaz de correção moral.

Rosset comenta que o riso irônico opera, em contrapartida, pela estabilização do sentido:

Se entretanto um tal cômico possui existência e eficácia no âmbito de uma certa disposição de espírito, seremos levados a distinguir entre duas grandes maneiras de rir: uma que fornece, em seu rir, considerações; a outra que as dispensa – donde o caráter honesto da primeira e escandaloso da segunda.²⁹

O riso direcionado, visto anteriormente, é interpretado como um mero desvio para uma nova construção lógica: se visa destruir um sentido, está ao mesmo tempo construindo outro. É, portanto, moral em sua essência, mesmo quando anti-ideológico ou “politicamente incorreto”, já que mesmo atos incorretos carregam a inferência, mesmo que camuflada, da ideia da ordem, do correto, não trágica.

O riso curto (exterminador) seria a contrapartida: o riso que não constata nenhum sentido, mas ri dessa própria tentativa de constatação. Tomando a busca por sentido como uma “fórmula pronta” para cada situação, Rosset propõe o riso como a manifestação da impossibilidade dessa busca em um mundo que é, antes de tudo, desprovido de sentido³⁰.

Retomemos o caso Charlie Hebdo: Žižek, ao referir-se a um caso anterior de 2005 no qual algumas caricaturas de Maomé, desta vez publicadas em um jornal dinamarquês, incitaram a ira da comunidade islâmica, propõe um argumento próximo ao trágico para a interpretação do evento:

E se as verdadeiras caricaturas do Islã fossem as próprias manifestações violentas anti-dinamarquesas, que ofereceriam assim uma imagem ridícula do Islã em correspondência exata com os clichês ocidentais? A suprema ironia é, sem dúvida, que a ira das turbas muçulmanas se tenha virado contra a Europa que os anti-islamitas empedernidos – como a conhecida jornalista Oriana Fallaci, que morreu em setembro de 2006 – viam como demasiadamente

²⁷ Ibidem, p. 62.

²⁸ Rosset, C. *Lógica do pior*. p. 190.

²⁹ Ibidem, p. 191.

³⁰ Ibidem. p. 192.

tolerante frente ao Islã, ou pronta a capitular perante as suas exigências³¹.

Em última análise, o riso sugerido por Žižek seria melhor enquadrado como um riso direcionado, dada a visão psicológica do filósofo, perante a qual os extremistas configuram-se como “recalcados” no sentido freudiano: extravasam na violência a inveja perante o gozo do ocidente secularista³². Diferentemente do que propõe Rosset, que vê no riso a expressão pura do caos, e não um resgate de uma moral cuja aceitação traria sentido para o ocorrido: não há sentido; portanto, há riso.

5. Conclusão

Esta foi uma piada que ouvi pela primeira vez em ambiente familiar: meu pai, apontando para três mulheres na rua, sussurra para mim, baixinho: “olha só, lá vem as três graças: a desgraça, a sem-graça e a ‘nem de graça’”.

A escolha de nomear cada uma das três visões sobre o humor deliberadamente com cada uma das três “graças” irônicas da piada é um convite para uma reflexão descompromissada sobre as possibilidades da manifestação do riso – aqui, brevemente explicadas em suas circunstâncias filosóficas. Quando diálogos e debates surgem sobre o quão errado seria rir em determinadas ocasiões, devemos lembrar que esse tipo de evocação – os chamados contextos sérios – é, na verdade, um retorno ao idealismo platônico, traduzido pelo desejo de delimitar um campo da seriedade, transcendental e nobre, versus uma área indesejável, por onde apenas os espíritos zombeteiros e malintencionados se atrevem a percorrer, chamada comédia, ou humor.

Não obstante, direcionar o riso, ou seja, instrumentalizá-lo a favor de um sentido lógico ou de uma moral, significa igualmente relegar sua manifestação à limites permitidos por éticas preestabelecidas: deixa de existir o riso mau, dando lugar ao riso planejado, o riso permitido ou, como escreve Rosset, o riso longo, que não destrói, mas compensa “pela aprovação a contrário dos princípios que contribuíram para a colocação em cena de uma agressão cômica”³³.

É através da lógica trágica que podemos compreender um riso que não se dá quando somente é possível um acesso a áreas permitidas, que não demanda reconstruções após o ato. Assim, o riso desvela-se em sua verdadeira face, a que se basta por si mesma, que não ressignifica e não julga: apenas é. Como Minois sugere, o riso está “na encruzilhada do físico

³¹ Žižek, S. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, p. 80 (versão para ebook).

³² *Ibidem*, p. 67.

³³ Rosset, C. *Lógica do pior*. p. 191.

e do psíquico, do individual e do social, do divino e do diabólico, ele flutua no equívoco, na indeterminação”³⁴. É por esse caráter aleatório, indeterminado, que Rosset encara o riso (exterminador) como “em última análise, a vitória do caos sobre a aparência da ordem”³⁵.

Existem, portanto, infinitas respostas para a pergunta levantada no início desse texto. Tanto o rir quanto o fazer rir – ambas expressões da sensibilidade, o design do humor e da expressão cômica – sujeitam-se a aberturas. Decidir rir pode ser decidir também construir ou destruir, a expressão do mais afirmador ou do menos afirmador dos atos, a maior das graças ou a pior das desgraças. E enquanto houver o homem, haverá a graça.

The design of the humor: three possible interpretations on laughter

Abstract: This essay proposes three ways to look into the laughter: its complete refusal, a partial opening and the complete acceptability. Humor is, therefore, seen as a possible product of design, given its interpretation as sensibility. The implications for each one of the three ways are demonstrated and the tragic philosophy is presented as justification for the complete acceptance of the laughter.

Keywords: humor, laughter, moral, tragic philosophy, sensibility.

Bibliografia

- “Ataque à sede do jornal Charlie Hebdo em Paris deixa mortos”, disponível em <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/tiroteio-deixa-vitimas-em-paris.html> (Acesso em 30/08/2016);
- Almeida, R. Aprendizagem de desaprender: Machado de Assis e a pedagogia da escolha. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez. 2013, p. 1001-1016;
- _____. “Considerações sobre as bases de uma filosofia trágica”. In: *Diálogos Interdisciplinares* vol. 2, n. 3, 2013;
- Aristófanes. “Lysistrata” In: Garvin, T. *The Project Gutenberg EBook of Lysistrata, by Aristophanes*. Domínio Público, 2008. (Disponível em <http://www.gutenberg.org/ebooks/7700> – acesso em 09/06/2016);
- Beccari, M. *Articulações Simbólicas: uma nova filosofia do design*. Rio de Janeiro: 2AB, 2016;
- Brecht, B. “Flüchtlingsgespräche” (1961). In: Arnold, H. L. (org.): *Kindlers Literatur Lexikon. 3., völlig neu bearbeitete Auflage*. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2009, p. 118–119 (trecho traduzido pelo CEII – Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia, disponível em www.lavrapalavra.com/2016/02/11/sobre-a-dialetica-hegeliana/ – acesso em 09/06/2016);
- Minois, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003;
- Morreall, J. *Comic relief: A comprehensive philosophy of humor*. West Sussex: John Wiley & Sons, 2011;
- Nietzsche, F. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011;
- Pagotto-Euzebio, M. S. “A vida de Brian, de Monty Python”. In: Almeida, R.; Ferreira-

³⁴ Minois, G. *História do riso e do escárnio*. p. 16.

³⁵ Rosset, C. *Lógica do pior*. p. 197.

Santos, M. (orgs.) *Cinema e contemporaneidade*. São Paulo: Képos, 2012;
Rosset, C. *Lógica do pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989;
Vonnegut, K. *Palm Sunday: an autobiographical collage*. Nova York: Dial Press, 2009;
Žižek, S. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015 (versão para ebook).